



**UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA  
FACULDADE DE EDUCAÇÃO**

**MARINA DOMINGUES VIEIRA FRANCO**

**INFÂNCIA CAMPONESA: olhares a partir das produções acadêmicas  
pela perspectiva da Sociologia da Infância**

**Brasília-DF  
2022**



**UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA  
FACULDADE DE EDUCAÇÃO**

**MARINA DOMINGUES VIEIRA FRANCO**

**INFÂNCIA CAMPONESA: OLHARES A PARTIR DAS PRODUÇÕES  
ACADÊMICAS PELA PERSPECTIVA DA SOCIOLOGIA DA INFÂNCIA**

Trabalho Final de Curso apresentado à Banca Examinadora da Faculdade de Educação da Universidade de Brasília, como requisito parcial e insubstituível para a obtenção do título de Pedagoga pela Universidade de Brasília.

**Orientadora:**

Profa. Dra. Monique Ap. Voltarelli

**Brasília-DF  
2022**

**INFÂNCIA CAMPONESA: olhares a partir das produções acadêmicas  
pela perspectiva da Sociologia da Infância**

Monografia apresentada à banca examinadora da Faculdade de Educação da Universidade de Brasília, como requisito parcial e insubstituível para obtenção do título de Graduação do Curso de Pedagogia da Universidade de Brasília.

**Aprovado em**

---

Profa. Dra. Monique A. Voltarelli - Universidade de Brasília  
Orientadora

---

Profa. Dra. Etienne Baldez Louzada Barbosa  
Examinadora

---

Profa. Dra. Andrea Versutti  
Examinadora

---

Prof. Dr. Juarez José Tuchinski dos Anjos  
Suplente

Domingues Vieira Franco, Marina  
DF825i INFÂNCIA CAMPONESA: olhares a partir  
das produções acadêmicas pela perspectiva da sociologia  
da infância / Marina Domingues Vieira Franco;  
orientador Monique Voltarelli. -- Brasília, 2022.  
33 p.

Monografia (Graduação - Pedagogia) --  
Universidade de Brasília, 2022.

1. Artigo. 2. Infância Camponesa. 3.  
Sociologia da Infância. 4. Universidade de Brasília.  
I. Voltarelli, Monique, orient. II. Título.

**MEMORIAL**

A minha trajetória acadêmica teve o seu início em 2018, no curso de Pedagogia, na Universidade de Brasília. Durante a minha graduação eu fiz diversas matérias que me cativaram de maneiras diferentes, mas existem algumas que foram mais marcantes que outras, por isso citarei apenas as que me apresentarem uma perspectiva nova ao olhar a infância. A primeira foi Antropologia e Educação, no primeiro semestre. Nela tive a oportunidade de entender como funcionam as culturas e a importância de conhecermos as nossas e as dos outros, adquirindo, assim, um olhar antropológico para a vida.

A partir dela, foram introduzidos conceitos na minha vida que antes não tinha o conhecimento. Esses conceitos foram muito relevantes para toda a minha trajetória acadêmica, pois a partir deles pude compreender melhor as relações sociais. Assim, fui capaz de entender que a natureza humana não se modifica, apenas os hábitos se tornam diferentes, entretanto, as necessidades são diferentes a partir da localização que o indivíduo se encontra. Esse entendimento foi extremamente importante para a minha formação, pois a partir dela pude analisar as crianças com um olhar diferenciado, sempre tentando entender o contexto e as necessidades dela.

Além dessa, no primeiro semestre fiquei completamente fascinada por Educação, Comunicação e suas Tecnologias. Nessa matéria tudo o que eu sabia de educação e tecnologias foi transformado e aprimorado, além de ter tido a oportunidade de fazer a análise de filmes e compreender como recursos audiovisuais devem ser utilizados dentro da sala de aula. Também, consegui identificar as diferenças de interesses da minha infância para a infância das crianças com que trabalho, pois, fazendo uma análise simples do presente, passado e futuro, pode-se identificar que os estímulos visuais eram diferentes. Dessa maneira, as crianças que vivem suas infâncias no presente não se interessam pelas mesmas coisas que eu me interessei quando era criança.

Perspectivas do Desenvolvimento Humano também foi uma matéria muito importante na minha trajetória, porque nela eu tive a minha primeira experiência em sala de aula. Nessa matéria eu consegui enxergar que tinha escolhido o curso certo e que eu gostava muito de estudar os comportamentos das crianças. Pude, também, aprender como as pessoas mudam e o desenvolvimento em todas áreas (físico, mental, psicossocial e cognitivo). Além de compreender como funcionam os estágios de desenvolvimento das crianças e por ter me interessado tanto nessa temática, eu decidi fazer Formas de Expressão de crianças de 0 a 5 anos. Além disso, aprendi a desenvolver uma pesquisa científica, compreendendo os métodos, modelos e tipos de delineamentos. Foi a partir das aulas de Formas de Expressão de Crianças de 0 a 5 anos que compreendi como as

crianças aprendem a brincar, desenhar e falar. Esse semestre foi animador, pois estava estudando uma temática que era do meu interesse, logo tinha muita vontade de aprender e a me aprofundar na área. É fascinante estudar e ver como as crianças se desenvolvem, aprendem a brincar, a desenhar e a falar. Por esses motivos resolvi finalizar o curso estudando, escrevendo e falando sobre isso.

A matéria Ensino e aprendizagem da língua materna me esclareceu muitas questões, pois quando me matriculei imaginava que íamos aprender como os bebês falam, nunca havia ouvido o termo “língua materna”. Essa ideia foi desmistificada na primeira aula quando foi explicado que a disciplina se tratava do ensino e aprendizagem da língua portuguesa.

Durante o semestre a turma foi algumas vezes para a Escola Classe Varjão para desenvolver uma sequência didática ao longo dos encontros. O meu grupo ficou com uma turma do 5º ano do Ensino Fundamental, toda a experiência foi muito divertida. A sequência didática era baseada em um livro chamado “O olho bom do Menino” escrito por Daniel Munduruku e, ao longo dos encontros, as crianças tinham que reproduzir a história que lemos para eles na primeira aula. Eles encenaram modificando a história para que ficasse mais engraçada. Hoje quando faço uma análise da sequência didática, que realizei com eles, consigo perceber que poderia ter feito pequenas mudanças para que ela se desenvolvesse melhor. Contudo, compreendo que, para uma primeira experiência com esse tipo de aula, funcionou muito bem.

Educação Infantil foi uma matéria que me agregou muito conhecimento. Durante todo o semestre questões de extrema relevância foram pontuados, como o racismo dentro das escolas pode afetar as crianças. As crianças não brancas recebem menos carinho e atenção das professoras, tendo suas existências apagadas dentro de um espaço que deveria ser seguro para elas. Também aprofundei meu entendimento na área da Sociologia da Infância, estudando os tipos de infância e compreendendo que as crianças têm culturas próprias, além de modificar as nossas. Isso mudou o meu olhar durante a prática no estágio.

Além disso, fui estimulada a refletir sobre a reprodução de falas, direcionadas às crianças, que reforçam o machismo na nossa sociedade. E, aprendi o cuidado que devemos ter ao tocar uma criança, sempre explicando o que vai fazer e pedindo permissão ao trocar a fralda, não ultrapassando os limites do que a criança quer. Essas atitudes fazem com que a criança compreenda que nem todos têm a permissão de tocar no corpo delas.

A matéria “Processos de Alfabetização e Letramento”, me auxiliou muito, porque dei aulas de reforço para duas crianças do 1º ano do Ensino Fundamental. Nela conheci os métodos

de alfabetização e estudei a formação e a mudança deles ao longo dos anos. Foi apresentado os autores mais relevantes nos assuntos, além de entrevistas com alguns deles. Logo após essa disciplina, iniciei o estágio em uma escola que utiliza o método fônico e, por isso, me aprofundei nele.

Ao longo do meu desenvolvimento acadêmico e profissional estagiei em três escolas particulares do Distrito Federal, sendo que na última fui contratada para ser auxiliar de educação básica na Educação Infantil, após o meu estágio. Essas vivências foram de suma importância para o meu desenvolvimento acadêmico, pois, assim, tive a oportunidade de ver o que eu estava aprendendo na prática e compreendendo que muitas coisas se aprendem só na prática.

Nessa etapa, já tinha aprendido a observar as crianças e prestar atenção nas suas relações. Então passava a manhã inteira ouvindo e dialogando com elas. Vê-las durante suas brincadeiras, diálogos, momentos de choro e irritação, além de observar como lidam com o mundo que ainda estão construindo dentro de si, é algo inexplicável e cativante.

A disciplina que me inspirou a escrever esse artigo foi Projeto 3.3, nela iniciei minha pesquisa sobre os olhares voltados às crianças camponesas a partir da perspectiva da Sociologia da Infância. Essa disciplina foi um divisor de águas na minha formação, pois me fez refletir sobre a realidade de crianças que nunca tinha pensado nem na existência. Precisamos olhar para todas as crianças e para as suas particularidades.

Apesar das maravilhas que é educar crianças, também existem muitos problemas que vivenciamos todos os dias dentro de uma escola. Como estagiária eu via algumas atitudes dos professores que contradiziam tudo o que eu aprendia na faculdade. Isso foi frustrante pra mim, além de ter descoberto que trabalhar em uma escola particular é estar refém dos pais, pois eles se tornam clientes.

Sou extremamente grata por todas as experiências que vivi dentro da universidade. Todas me agregaram de uma forma. Estudar, pesquisar e observar crianças é muito importante, ter o olhar e a escuta sensível com as crianças faz com que a relação com elas melhore. As crianças têm ideias incríveis que devem ser ouvidas e opiniões que devem ser respeitadas, então pretendo fazer isso para o resto da minha vida.

**INFÂNCIA CAMPONESA: olhares a partir das produções acadêmicas  
pela perspectiva da Sociologia da Infância**

**Marina Domingues Vieira Franco**<sup>1</sup>

**Profa. Dra. Monique Ap. Voltarelli**<sup>2</sup>

**Resumo:** O presente artigo é um desmembramento de uma pesquisa guarda-chuva acerca da infância pesquisada nos programas de pós-graduação em ciências humanas e sociais da Universidade de Brasília. A partir disso, o artigo busca ressaltar a importância do estudo de crianças pela perspectiva da sociologia na infância nas produções acadêmicas sobre educação camponesa ou infância camponesa, sendo os objetivos específicos identificar como as crianças foram compreendidas, analisar as relações com o novo paradigma da infância, e identificar as metodologias presentes nos estudos. Para tanto foi realizado um levantamento bibliográfico das publicações acadêmicas a fim de identificar discussões sociológicas sobre a infância, a qual permitiu localizar a frequência de discussões sobre a infância camponesa. Sendo assim, a pesquisa traz como indicativos o olhar sobre as publicações científicas e a maneira como esse campo da Sociologia da Infância tem sido incorporado e considerado nas publicações.

**Palavras- chave:** Sociologia da Infância; Infância camponesa, Universidade de Brasília.

**Abstract:** This article is a dismemberment of an umbrella review about a research on childhood in post-graduate programs in human and social sciences at UnB - University of Brasília. The purpose of this article is to highlight the importance of the children study from the perspective of childhood sociology in academic productions about peasant education and peasant childhood. The specific objectives of the study are to identify how children were seen, to analyze the relations with the new paradigm of childhood, and to

---

<sup>1</sup> Graduanda do curso de Pedagogia; artigo refere-se à apresentação do trabalho de conclusão de curso.

<sup>2</sup> Professora da Faculdade de Educação da Universidade de Brasília, Departamento de Métodos e Técnicas e orientadora deste trabalho de conclusão de curso.



identify the methodologies used in the studies. To achieve those goals, a bibliographical survey on academic publications was carried out in order to identify sociological discussions about childhood, which allowed us to locate the frequency of discussions about peasant childhood. Thus, the research brings as indicative a glance at scientific studies and the way this sociology field of childhood has been incorporated and considered in publications.

**Key-words:** Sociology of childhood; peasant childhood, University of Brasília.

### **Introdução**

As contribuições do campo da Sociologia da Infância para pesquisar crianças tiveram um grande avanço após o final de 1980, momento em que diversos pesquisadores começaram a se dedicar a releitura da concepção de criança e infância no âmbito científico, bem como rever seu papel no campo social e cultural. Neste sentido, cabe destacar as contribuições de Sirota (2002) quando afirma que por muito tempo a sociologia da educação ficou presa à concepção durkheimiana de que as crianças são apenas um vir a ser, ou seja, um indivíduo ainda em formação e que será moldado pelo professor e família. Entrando em contrapartida com essa ideia de infância surgem os primeiros elementos da Sociologia da Infância (SIROTA, 2001). A emergência de olhar a criança como objeto sociológico é gerada, pois a sociologia da educação olhava para a organização escolar e o desenvolvimento educacional. Logo as crianças acabavam ficando de lado, não sendo constituídas como objeto de estudo. Por outro lado, a psicologia do desenvolvimento pesquisava crianças, porém a partir de uma perspectiva adultocêntrica. Então, surge uma necessidade de pensar os processos de socialização a partir das perspectivas das crianças. Por conseguinte, as metodologias e epistemologia têm que ser refeitas, assim, o pesquisador precisa compreender qual panorama deve ser adotado para entender a perspectiva da infância, como afirma Abramowicz (2015).

Ao longo das décadas, a Sociologia da Infância tem se desenvolvido enquanto campo científico dedicado à releitura das crianças na sociedade e cada vez mais surgem pesquisadores interessados no tema. Com o aparecimento de novas pesquisas, é possível ver o estudo sobre crianças em seus diversos contextos. O entendimento da criança como

ser social ajuda na compreensão delas, como atores que criam e modificam suas culturas, diferente das culturas dos adultos. Corsaro (1997, 2003) defende os estudos da infância com crianças e não sobre elas. Dessa maneira, destaca-se a análise de como as produções acadêmicas estão desenvolvendo os seus estudos sobre Sociologia da Infância, pois, a pesquisa com crianças passa por alguns desafios metodológicos, como afirma Abramowicz (2015).

Tendo em vista a necessidade de compreender as crianças por meio desse campo científico, este texto se trata de uma pesquisa que buscou mapear as produções acadêmicas sobre crianças e infâncias no Programa de Pós-Graduação em ciências humanas e sociais da Universidade de Brasília. Coordenada pela Profa. Monique Ap. Voltarelli, na Faculdade de Educação (UnB), a pesquisa teve como categorias de análise a infância e diversidade; educação infantil; institucionalização da infância; cidadania; e infância no campo. Entretanto, no presente artigo, será apresentado as discussões sobre a última categoria, infância no campo.

O estudo da infância no campo torna-se cada vez mais relevante, pois estas crianças têm sofrido com uma grande invisibilidade e apagamento, diante do âmbito científico e político. Com pouco acesso à educação e saúde, comunidades de camponeses sofrem com as consequências de um sistema falido. Isso ocorre, pois a educação camponesa se baseia na natureza e na cultura que acabam entrando em conflito com o agro e o latifúndio, como afirma Leite (2018). Além disso, os estudos sobre a infância camponesa ainda demandam maior visibilidade no meio acadêmico. As pesquisas feitas com crianças no campo demonstram que elas sabem do lugar onde vivem, das culturas e do trabalho ali realizado.

Dentre os trabalhos analisados na categoria infância no campo, foi possível identificar quem são e como são investigadas as crianças a partir das seis teses selecionadas da faculdade de educação da UnB. Pode-se confirmar que em todos os trabalhos são encontradas crianças camponesas de diversas partes do Brasil, como Goiás (LEITE, 2018; LIMA, 2015) e Bahia (SILVA, 2018; SILVA, 2014, LIMA, 2015; TRINDADE, 2015). O artigo tem o objetivo de compreender como as crianças e infâncias camponesas foram compreendidas nas teses e dissertações analisadas. Tendo como objetivos específicos analisar a metodologia geral dos trabalhos, entender como os autores compreenderam a infância no campo e identificar as relações feitas com a Sociologia da Infância.

O trabalho que aqui concerne está dividido em: discussão teórica, no qual é

apresentado o campo da Sociologia da Infância e pontuado a relevância dos estudos sobre e com crianças. Procedimentos metodológicos, sendo demonstrado como a pesquisa foi realizada e fundamentada. Análise e discussão dos dados, apresentando como as crianças e as infâncias foram compreendidas pelos autores. Desse modo, pensar como a infância é pesquisada na Faculdade de Educação na UnB, por meio dos programas de pós-graduação, permitiu compreender como o campo da Sociologia da Infância tem sido apropriado nas discussões teórico-metodológicas nas produções científicas.

### **Discussão teórica**

As representações de crianças e infâncias no passado eram invisíveis, assim como os estudos sociais sobre elas. Poucas representações que existiam eram de crianças que pareciam mini adultos, mostrando que as crianças eram marginalizadas e excluídas socialmente no passado, não havendo uma consciência de infância. Essa concepção de infância é transformada nos séculos XVII e XVIII, com o advento da modernidade e a criação da escola pública. O entendimento de infância sai da ideia de miniaturização do adulto e passa a ser compreendido como uma fase própria do desenvolvimento humano. Apesar disso, existe uma variação das concepções da infância, ou seja, as culturas moldam as infâncias. Por isso, os estudos sociais da infância devem ser feitos a partir da heterogeneidade de cada uma. (SARMENTO, 2007)

Prout (2003), ressalta que, ao longo do século XX, surgiu uma preocupação inerente em relação ao perigo e às crianças. A preocupação consistia em os perigos que as crianças sem supervisão estariam suscetíveis e a geração de crianças perigosas, a partir de más influências a sua volta. Essa preocupação gera um forte impacto em como as crianças são vistas, pois é possível entrar em debates sobre crianças em situações de negligência e vulnerabilidade, como afirma Prout (2003). E, a partir disso, passam a surgir mais espaços próprios para que as crianças possam se reunir e construir suas culturas infantis. Apesar disso, Prout (2003) destaca que a ideia de crianças em perigo e crianças perigosas, cultivada no século XX, não é uma posição adequada para a compressão da criança moderna, afirmando que é necessária uma forma mais adequada para representar a infância.

A análise social das crianças tende a mudar com o domínio da internet e mídias sociais, por isso deve-se compreender as infâncias em suas diferenças sociais. Popularmente há muitas críticas à infância contemporânea ocidental por seus longos períodos em frente a telas, como afirma Müller (2014). O olhar da sociedade para as

crianças parte de perspectivas pessoais, comparando com a sua própria infância, e nesse sentido Müller (2014) ressalta que assim como olhar para a infância com nostalgia não é algo recente na sociedade, deixar de olhar para as crianças também não é. O primeiro estudo realizado, no Brasil, sobre o comportamento coletivo das crianças é de 1940. De acordo com Müller (2014), as crianças passam a ganhar maior destaque como sujeito sociológico a partir do momento em que a sociedade entende que são capazes de dar respostas sobre as suas vivências, os espaços que vivem e as pessoas com que convivem.

Fernandes (2004), ao fazer um estudo folclórico e sociológico da cultura e dos grupos infantis, afirma que “Para poder estudar a criança, é preciso tornar-se criança.” (FERNANDES, 2004, p. 230). Com isso, o autor quer dizer que os estudos sociais devem ser feitos a partir de uma perspectiva de imersão na cultura infantil e não apenas na posição de observador e objeto de pesquisa, o pesquisador precisa viver as preocupações e paixões das crianças juntamente com elas, para que assim possa compreender verdadeiramente como funcionam suas relações sociais e modificações culturais. Além disso, Fernandes (2004) também afirma que não há como compreender um grupo social sem compreender a cultura na qual ele está inserido e, por isso, na obra *As “Trocinhas” do Bom Retiro: Contribuição ao Estudo Folclórico e Sociológico da Cultura e dos Grupos Infantis*, produzido por Fernandes em 2004, o autor afirma que os leitores não devem compreender o estudo folclórico e o sociológico separadamente, as temáticas são justapostas.

O ser criança não é uma categoria única, de acordo com Müller (2014). A infância é universal e singular ao mesmo tempo. A autora afirma que essa universalidade foi garantida por políticas internacionais, que apresentaram avanços nos direitos infantis para o período pós-guerra, século XIX. A preocupação com a infância surge com a classe média e passa a se garantir, na sociedade industrializada, uma infância de direitos. A infância é colocada em uma posição geracional, pois a agência das crianças e dos adultos estão em constante tensão. Então, para compreender a infância como categoria geracional é preciso perceber a posição social das crianças. (MÜLLER, 2014)

Müller (2014) ao discorrer sobre as perspectivas metodológicas para pesquisa com crianças, afirma que é essencial observar as relações hierárquicas que sempre existem entre crianças e adultos, mesmo que o pesquisador se preocupe em levar em consideração os diálogos das crianças. Também ressalta que é preciso investir em diferentes tipos de linguagem, para se aproximar de maneira mais proveitosa das crianças,

ou seja, não se limitar à língua falada e escrita. Müller (2014) afirma que outros tipos de linguagem como, desenhos e fotografias são ótimos recursos metodológicos para ter uma aproximação, com as crianças, mais concreta. Comprovando que estudos das infâncias necessitam de abordagens teórico-metodológicas diversificadas.

As modificações no entendimento do ser criança nos últimos anos têm dado vozes às crianças. O século XX seria conhecido como o século das crianças, pois nele houve o aumento da preocupação com as crianças tanto do Estado quanto da sociedade em geral, há, também, a proibição do trabalho e a introdução da educação escolar. Prout (2003) ressalta que no século XX a infância foi transformada em um projeto, uma parte disso é por causa da ideia de proteção e provimento às crianças que surgiu com força neste século. Apesar disso, a busca pela compreensão, em sua grande maioria, da infância continuava sendo sob o olhar do adulto. Somente nas últimas três décadas do século XX que as crianças terem voz em todos sob suas realidades e vivências entra em discussão pública. Como afirma Prout (2003 apud BECK, 1998) isso ocorre pois há uma mudança na prática institucional que afeta crianças e adultos envolvidos, outro fator é o sentimento de individualização, os indivíduos começam a se enxergarem como seres únicos e individuais, não com identidades padronizadas.

A ética na pesquisa com crianças deve ser discutida e analisada, pois, de acordo com Müller e Carvalho (2014), a tradição epistemológica é a de associar as crianças a instituições ou espaços não escolares que estão envolvidos. Ou seja, a análise da infância parte de uma perspectiva adultocêntrica. Então, estudiosos da infância passaram a procurar novos recursos metodológicos para pesquisar as crianças. Porém, ainda existem muitos estudos que são feitos sobre as crianças e não com. Isso quer dizer que em muitas pesquisas as crianças não são o objeto de estudo principal e não têm voz ativa, pois a ideia do pesquisador é falar sobre crianças e não com crianças. Isso se torna problemático, pois quem seria melhor para falar sobre suas vivências e realidades do que as próprias crianças? O pesquisador precisa aprender a compreender as singularidades das crianças e se envolver com os seus desejos e paixões, como já foi citado anteriormente.

As metodologias para pesquisar crianças são diversas. Müller e Carvalho (2014) afirmam que a etnografia é um recurso de extrema valia para fazer pesquisa com crianças, pois os estudos etnográficos dão a possibilidade ao pesquisador de uma participação direta, podendo registrar suas vivências a partir de diários de campo, assim, tendo uma oportunidade melhor de compreender e interpretar as práticas vivenciadas a partir das relações estabelecidas com o estudo etnográfico. Müller e Carvalho (2014 apud

MALINOWSKI, 1984) esclarecem que é necessário levar ao campo o maior número de problemas e, dessa maneira, definir as questões mais relevantes de acordo com as teorias que baseiam a pesquisa. Também é ressaltado por Müller e Carvalho (2014 apud GEERTZ, 1989) que o estudo etnográfico deve ser realizado a partir de uma “descrição densa”, ou seja, é necessário analisar profundamente as ações e a forma que os atores compreenderam.

Como foi ressaltado anteriormente, o pesquisador ao pesquisar crianças deve entrar no mundo delas, porém por não serem crianças sempre existirá diferença nas concepções e experiências de vida. É importante que o pesquisador não deixe que essa diferença crie um desnível na relação com as crianças, ou seja, o posicionamento do pesquisador adulto e do sujeito criança devem ser levados em consideração. Além disso, as expressões não verbais das crianças também devem ser levadas em consideração, de acordo com Müller (2014).

Outro método relevante para o estudo com crianças é a utilização da fotografia, alguns pesquisadores, como Müller (2007) e Smidt (2003), fizeram estudos que consistiam nas crianças fotografando as coisas e lugares mais relevantes para a sua vida. Após a revelação das fotografias as crianças apresentavam suas fotos explicando a relevância daquele espaço e/ou objeto para elas. Estudos realizados dessa maneira dão significado à escuta das crianças e criam uma diferença menor entre adultos e crianças, além de que as crianças se tornam objeto e pesquisadores das suas próprias vivências, sendo possível ter conclusões mais certeiras da pesquisa, pois é a perspectiva da criança sobre ela mesma e não a de um adulto sobre as crianças, deixando a diferença adulto pesquisa e criança pesquisador menor.

A imersão do pesquisador no campo deve ser realizada a partir da apresentação da pesquisa para as crianças, pois se elas são o objeto de pesquisa elas devem ter consciência do que será feito e qual é o objetivo do que participam. Também devem ser convidadas a participar da pesquisa e das atividades, para que nenhuma se sinta desconfortável nas atividades realizadas. Como o tempo da criança é ocupado principalmente com a escola e compromissos familiares, o pesquisador precisa estar em contato com os responsáveis para fazer uma programação bem definida nas questões de espaço e tempo.

Ademais, de acordo com Müller (2014) o pesquisador deve sempre respeitar o tempo da criança para responder as perguntas e principalmente ouvi-la, mesmo que ela fuja do tema da pergunta, pois as crianças precisam criar confiança pelo o adulto

pesquisador. A postura do adulto é muito importante para o desenrolar da pesquisa, para isso o pesquisador deve: se colocar sempre em posição que as crianças enxerguem seus olhos frente a frente; compreender quem são as crianças investigadas e em que contexto vivem, identificando que a infância investigada é diferente da infância do próprio pesquisador (abandonar o adultocentrismo); superar as dicotomias, não separando os sentimentos e comportamentos das crianças do mundo dos adultos.

A ética da escuta para pesquisa com crianças é indiscutível, ainda de acordo com Müller (2014), para criar um ambiente confortável para as crianças, as mesmas devem ser convidadas a participar de todas as atividades e respeitadas quando decidem não participar. Os cuidados metodológicos devem partir sempre do respeito, além da adequação das perguntas às vivências nas crianças envolvidas na pesquisa. Por isso, Müller (2014) define algumas etapas que devem ser negociadas com as crianças antes do início da pesquisa, sendo essas: a entrada no campo, os objetivos e o modo de produção dos dados. Sendo assim, o presente artigo busca por indicativos teóricos e metodológicos das pesquisas realizadas com e sobre as crianças nos programas de pós-graduação da faculdade de educação da UnB.

### **Procedimentos metodológicos**

Em busca de mapear como a infância é estudada no Programa de Pós- Graduação da Faculdade de Educação da Universidade de Brasília nos últimos cinco anos, foi realizada uma pesquisa exploratória a fim de identificar a presença do campo dos estudos sociais da infância nas produções acadêmicas. Dentre os 230 trabalhos encontrados, foram selecionados 37 para a fase de análises por demonstrarem indicativos que dialoguem como o campo, os quais foram divididos em cinco categorias, sendo elas: infância e diversidade, educação infantil, institucionalização da infância, cidadania e infância no campo.

A plataforma CAPES também foi consultada e as pesquisas foram feitas por meio dos descritores (criança/crianças; infância/infâncias) e utilizando os seguintes filtros: ano (2015-2018), área conhecimento(educação) e instituição (Universidade de Brasília). Após os filtros, foram encontrados 230 resultados, dentre os quais, 37 foram selecionados para a fase de análises.

A categoria que aqui concerne é “Infância no campo”, no qual serão analisadas seis produções. Tendo o objetivo de compreender como as crianças e infâncias

camponesas foram compreendidas nas teses e dissertações analisadas, além de identificar a relação com a Sociologia da Infância.

**Tabela 1-** Produções analisadas nas pesquisas

Faculdade de Educação - MAPEAMENTO	Tema de Pesquisa	Ano Pesquisa	Crianças Investigadas	Tipo de Pesquisa (M/D)
Quantidade Publicações Analisadas (sobrenome autor)				
LEITE, JACIARA OLIVEIRA	Como é ser sujeito-criança no campo e o que expressam as crianças sobre suas vidas, seu lugar?	2018	Criança camponesa	Doutorado
SILVA, QUEINA LIMA DA	Educação do Campo em contextos de luta pela terra	2018	Crianças do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra - MST.	Mestrado
SPADA, ANA CORINA MACHADO	Formulação de diretrizes para uma política de Educação Infantil do Campo.	2016	Crianças residentes em áreas rurais brasileiras	Doutorado
SILVA, CATARINA MALHEIROS DA	Um estudo sobre gerações de estudantes no meio rural baiano.	2014	Jovens do Ensino Médio	Doutorado
TRINDADE, DOMINGOS RODRIGUES DA	Como os/as jovens de assentamentos de Reforma Agrária se constituem como seres sociais na condição de filhos/as de assentados/as da Reforma Agrária no contexto da sociedade capitalista em processo de expansão no	2015	Jovens camponeses no contexto de assentamentos da Reforma Agrária	Doutorado



	campo?			
LIMA, SAMIRA BANDEIRA DE MIRANDA	Educação Integral instituído pelo Programa Mais Educação nas escolas do campo	2015	Estudantes do Colégio Estadual Vale da Esperança	Mestrado

Dentre os seis trabalhos encontrados na categoria Infância no campo, foi possível identificar quem são e como são investigadas as crianças a partir das seis teses selecionadas. Em Spada (2016) a pesquisa é mais abrangente e institucionalizada sobre a educação no campo. Em alguns trabalhos crianças e jovens são observadas de perto (LEITE, 2018; SILVA, 2018; TRINDADE, 2015), porém as crianças, na maioria, não são o foco principal da pesquisa (LIMA, 2015; SILVA, 2014; SILVA, 2018; TRINDADE, 2015). Silva (2018) e Trindade (2015) caracterizam a infância como geração. A segunda pesquisa é somente sobre a juventude, apesar da infância aparecer em forma das histórias contadas pelos participantes sobre suas vidas. A infância é institucionalizada em algumas produções (LEITE, 2018; SPADA, 2016; LIMA, 2015), porém Leite (2018) também apresenta uma infância que perpassa os muros da escola. A seguir apresenta-se as discussões a partir dos olhares da Sociologia da Infância para essas produções.

### **Apresentação e discussão dos dados: análises sobre a Infância no Campo**

O primeiro aspecto observado nas produções se tratou do exercício de verificar como as crianças e a infância estavam sendo compreendidas nas publicações analisadas.

Nesse sentido pode-se dizer que as crianças são compreendidas de maneiras diferentes. Algumas pesquisas não falam diretamente sobre crianças, como Trindade (2015), Silva (2014) e Lima (2015), porém os dois primeiros trazem a infância como categoria geracional (QVOTRUP, 2001), pois traz a infância dos sujeitos de pesquisa por meio da memória, questionando-os sobre sua formação. Já Lima (2015) foca mais na Educação Camponesa e suas políticas públicas, então não compreende a infância e nem as crianças camponesas, apesar de entrevistar algumas informalmente. Silva (2018) compreende as crianças como atores sociais, assim como Leite (2018). Spada (2016) analisa a condição das crianças como protagonistas, ressaltando as militâncias feitas por elas para reivindicarem seus direitos básicos.

Silva (2018) analisou crianças moradoras do acampamento Zequinha Barreto localizado no oeste baiano, sendo elas seis meninas e oito meninos. Porém, não caracterizou idade e nem etnia. A classe social não foi diretamente definida. Mas é possível saber, pois se tratam de crianças moradoras de um acampamento humilde. A análise foi feita a partir de uma roda de conversa e a observação tinha como objetivo compreender como as crianças percebiam a escola, tentando entender, assim, o processo de violência que as crianças sofrem nela. Silva (2018) compreende as crianças como participantes e protagonistas nas ações da comunidade, pois é ressaltado que elas são vistas como responsáveis do coletivo e ajudam nas tarefas da comunidade sem serem solicitadas.

Spada (2016) busca compreender qual é o lugar da infância nas relações sociais, quais elementos norteiam a oferta da Educação infantil e por que as crianças do campo foram silenciadas ao longo dos anos. Entretanto, nenhuma criança, seja sozinha ou em grupo, é analisada ou citada. Por estar pensando nas políticas públicas de Educação Infantil no campo, além de pensar o lugar da infância na macroestrutura social, não tendo interesse em focar nas discussões sobre as formas de vida das crianças individualmente. No que tange à compreensão da infância, Spada (2016) tem como objetivo entender qual é a posição ocupada pela infância na estrutura da sociedade moderna e como essa sociedade tem discutido e cuidado da infância. Sendo assim, em Spada (2016) compreende a infância como fenômeno social. Considerando os elementos definidores do conceito, as condições de vida e os lugares que as crianças têm sido colocadas na dinâmica social, partindo de uma perspectiva coletiva.

Leite (2018) tem como objetivo compreender como é ser sujeito-criança no campo, assim ela analisa crianças residentes da Comunidade do Sertão- Chapada dos

Veadeiros- GO. Posto isto, para um melhor desenvolvimento da pesquisa, o grupo de crianças envolvidas na investigação foi dividido da seguinte forma: a) crianças que nasceram ou que moram na comunidade desde pequenas; b) crianças que moravam no Sertão e, por algum motivo, saíram e retornaram; c) crianças que vieram de outras localidades para morar na comunidade (chegantes 7); d) crianças com idades próximas e que compartilhavam a mesma sala na escola (Educação Infantil - pré-escola; 1º e 2º anos; 3º e 4º anos; 5º ano; 6º ano). (LEITE, 2018, p. 35).

Havia oito crianças da Educação Infantil, seis do 1º/2ºano, cinco do 4º/5º ano e seis do 5º/6º ano. Ao total foram 19 crianças participantes de até 12 anos de idade. Em todas as propostas da pesquisadora para as crianças elas foram convidadas, houve algumas recusas para participar de certas atividades. Leite (2018) entende a infância como experiência e condição social geracional, em contato com outras, como classe social, etnia e gênero. Para a pesquisadora, a criança é o ser que vive a infância. Além disso, é destacado alguns elementos utilizados para melhor compreender as crianças, são esses: o brincar, a escuta sensível e o diálogo. As crianças não têm suas etnias caracterizadas. No que se refere ao gênero e à classe social, as mesmas não são expostas, porém como são analisadas crianças de um assentamento rural é possível compreender que elas são pertencentes à classe menos favorecida.

Lima (2015) por ter como foco principal compreender como o PME (Programa Mais Educação) é implementado no campo, não há tentativa de compreensão da criança e da infância, porém foram realizadas algumas entrevistas informais com alguns estudantes, porém não caracteriza em qual etapa da educação básica eles estavam. Trindade (2015) e Silva (2014) também não buscaram compreender as crianças e a infância. Além disso, não analisaram de forma especializada nenhuma criança. Contudo, realizam a pesquisa com jovens camponeses e trazem a infância enquanto categoria geracional, por meio da memória dos sujeitos participantes.

Buscando compreender melhor as produções foram mapeado os tipos e instrumentos de coleta de dados usados em cada um dos trabalhos, além de analisar se as pesquisas foram com ou sobre crianças, se os participantes foram convidados a participar e a caracterização dessas crianças. Também foi analisado se houve ética na pesquisa com crianças e se houve financiamento.

Todas as pesquisas analisadas são qualitativas (SILVA, 2014; LEITE, 2018; SPADA, 2016; TRINDADE, 2015; LIMA, 2015; SILVA, 2018) sendo, respectivamente, de cunho etnográfico, pesquisa-ação, documental, pesquisa de campo, etnográfica e Silva

(2018) e Lima (2015) estudo de caso. Nelas houve a predominância de teses (SILVA, 2014; SPADA, 2016; TRINDADE 2015; LEITE, 2018). O restante foram produções de mestrado (LIMA, 2015; SILVA, 2018). Dentre os seis trabalhos analisados, três relatam que receberam financiamento de pesquisa, sendo financiadas pela CAPES<sup>3</sup> (SILVA, 2014; SILVA, 2018) e a tese de Trindade (2015) pela Bolsa PAC-DT-UNEB<sup>4</sup>.

Os instrumentos de coleta de dados mais utilizados foram observação (SILVA, 2014; LIMA, 2015; SILVA, 2018; TRINDADE, 2015; LEITE 2018) e entrevistas semi-estruturadas (SILVA, 2014; SILVA, 2018; LIMA, 2015; TRINDADE, 2015). Leite (2015) foi a única pesquisa que utilizou entrevistas estruturadas. Também utilizaram a pesquisa documental como instrumento (LIMA, 2015; SILVA, 2018; SPADA, 2016; TRINDADE, 2015). As rodas de conversa foram exploradas em duas pesquisas (SILVA, 2014; SILVA, 2018). Diário de campo foi um recurso utilizado por três trabalhos (SILVA, 2018; TRINDADE, 2015; LEITE, 2018). Spada (2016) utilizou a pesquisa documental baseada em documentos-objeto.

De todas as produções analisadas, apenas a de Leite (2018) passou pelo Comitê de Ética em Pesquisa em Ciências Humanas e Sociais (CEP/CHS). Entretanto, a maioria conta com o termo de consentimento (SILVA, 2014; LIMA, 2015; SILVA, 2018; TRINDADE, 2015; LEITE, 2018). Apenas duas são pesquisas com crianças (SILVA, 2018; LEITE, 2018). Nelas os instrumentos de coleta de dados utilizados em comum foram a observação, entrevista semi-estruturada, observação das ações cotidianas e desenho. Leite (2018) se diferencia ao fazer entrevistas/conversas em torno de jogos e brincadeiras agregadas ao diário camponês, registros iconográficos e eventos-campo. Leite (2018) as convidou para participar de cada brincadeira e jogo, inclusive houve recusas para participar de algumas brincadeiras, como o “Jogo da Entrevista”. A pesquisadora também foi a passeios, a convite delas. As crianças tinham espaço de fala e eram consideradas protagonistas de tudo o que acontecia durante as brincadeiras. Alguns nomes de adultos foram mantidos, pois já haviam sido divulgados em outros trabalhos e o nome das crianças foram substituídos por nomes comuns no Brasil, de acordo com o que foi acordado com a família.

Já em Silva (2018), as crianças foram convidadas e tiveram espaço de fala, porém o pesquisador entrevistou mais adultos do que crianças. Apesar de não usar o desenho

---

<sup>3</sup> CAPES - Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior

<sup>4</sup> PAC-DT-UNEB - Programa de apoio à Capacitação docente e de Técnico Administrativo da UNEB

como instrumento, apresenta algumas cartas que elas fizeram reivindicando seus direitos enquanto crianças e estudantes. Foram utilizados nomes fictícios. Em ambas (LEITE, 2018; SILVA, 2018), os termos de consentimento foram assinados pelos responsáveis das crianças e pelos adultos que participaram da pesquisa. Leite (2018) morava em Brasília e a comunidade pesquisada estava situada na Chapada dos Veadeiros- GO, por isso realizou cinco viagens em 2015 e cinco em 2016, passando 48 dias em campo.

Silva (2018) realiza entrevistas semi-estruturadas, observações das dinâmicas sociais cotidianas, roda de conversa diário de campo e análise documental como instrumento de coleta de dados com os jovens e algumas crianças moradores da comunidade. Além deles, participaram também, o professor da Universidade Federal do Oeste Baiano, a docente que atuou na escola da comunidade e o coordenador da Agência 10 envolvimento que é o braço executivo da Associação de Promoção do Desenvolvimento Solidário e Sustentável (ADES). Eles trabalham contribuindo para um desenvolvimento socialmente mais justo e ambientalmente sustentável. Os participantes foram convidados a participar da pesquisa e é ressaltado que o termo de consentimento foi lido para eles, porém não o apresenta e não cita se ele foi assinado. Além disso, não há informações sobre a pesquisa ter passado pelo comitê de ética.

Silva (2014) utiliza os registros visuais, os grupos de discussão e a entrevista narrativa como principais instrumentos de coleta de dados. Para isso, os participantes da pesquisa (jovens e adultos estudantes) assinaram o termo de consentimento e um formulário de identificação, muito importante para a pesquisa, pois a autora busca analisar as relações intergeracionais e de gênero construídas no meio rural, considerando o impacto dos processos migratórios e a elevação do nível de escolaridade dos jovens e adultos do espaço estudado. Os participantes foram convidados a participar da pesquisa e não foram encontradas informações sobre a pesquisa ter sido submetida ao comitê de ética.

Lima (2015) ressalta em seu texto a utilidade do estudo de caso para análises de eventos contemporâneos, já que a pesquisa visa analisar a implementação e os desdobramentos da educação integral instituída pelo Programa Mais Educação (PME) na Escola do Campo presente no Assentamento Vale da Esperança, em Formosa/GO. De acordo com Lima (2015) o estudo de caso tem a capacidade de lidar com uma ampla variedade de evidências. Para a sua pesquisa ela utilizou como instrumento de coleta de dados a análise documental, observações e entrevistas semi-estruturadas. Para a análise de dados foi utilizado o método de análise de conteúdo de material coletado e os

participantes eram pessoas que estavam diretamente envolvidas no processo de implementação do Programa como diretores, professores comunitários, funcionários, monitores e estagiários, eles assinaram o termo de concordância antes de participar da entrevista.

Já Trindade (2015) utiliza como coleta de dados entrevista semi-estruturada, grupo focal, observação, questionário, pesquisa documental e diário de campo. Os participantes da pesquisa foram 27 jovens (entre 13 e 26 anos) estudantes na escola da comunidade, 21 famílias, 3 representantes do poder público municipal, 1 assessor da FETAG (Federação dos Trabalhadores da Agricultura no Estado da Bahia) do polo Guanambi e 2 presidentes da Associação dos Trabalhadores Rurais dos assentamentos investigados. Todos os participantes foram convidados e assinaram o termo de consentimento. Não há informações sobre a pesquisa ter sido submetida ao comitê de ética.

Spada (2016) faz uma análise documental como fonte de coleta de dados e afirma que esse método é de compreensão da realidade, além de se construir por meio de um recorte histórico da realidade sócio educacional. Não existem informações se foram realizadas entrevistas e, por isso, também não existe nenhum comentário sobre o termo de concordância e nem se a pesquisa passou pelo comitê de ética.

Dessa maneira as pesquisas com crianças são realizadas por Leite (2018) e sobre crianças por Silva (2018), sendo consultadas apenas para agregar a pesquisa, mas não são o foco principal. Trindade (2015) e Silva (2014) fazem a pesquisa com jovens/adultos e Lima (2015) sobre crianças e jovens enquanto estudantes, levando em consideração que nenhuma criança participa da pesquisa, efetivamente.

As escolas foram locais presentes nos trabalhos de Leite (2018), pois era o melhor lugar para reunir o maior número de crianças possíveis, mas a pesquisadora ficou hospedada na casa dos moradores da comunidade e sempre participava dos eventos e das atividades cotidianas realizadas fora da escola. Além dela, a escola também aparece em Silva (2018) e Trindade (2015) sendo utilizada como ponto de reunião dos sujeitos da pesquisa. Apesar de Trindade (2015), Silva (2018), Lima (2015) não mencionarem o comitê de ética em todas as pesquisas, os participantes foram convidados de maneira formal.

A compreensão da infância deve ser analisada, pois ela muda completamente o rumo que a pesquisa toma. A lente que o autor coloca para compreender a infância vai acarretar em resultados diferentes, por isso a noção de socialização é importante para a

compreensão das crianças como atores sociais capazes de criar e modificar culturas. (DELGADO;MÜLLER, 2005, p. 353)

Leite (2018) destaca que para compreender a infância é preciso ter uma concepção sobre o corpo, pois as crianças se expressam por ele. Logo elas passam a se apropriar das culturas e criar novas, a partir da brincadeira, na escola e nos diálogos. Leite (2018) ressalta, também, que a infância camponesa traz à tona a relação com o corpo, pois existe contato constante com a natureza e os ciclos da vida. Além disso, a autora também fala que o contexto urbano tende a esconder a importância das relações humanas com a natureza. Buscando entender melhor as crianças camponesas e a comunidade estudada, Leite (2018) situou o território (Comunidade do Sertão localizada no Nordeste do Goiás) a partir de uma realidade mais ampla, relacionando assim, o micro e o macro, pois para compreender as crianças ela precisaria entender o território que elas fazem parte, compreendendo a infância como categoria social e geracional. Silva (2018) realiza a pesquisa com crianças também, pois, de acordo com a pesquisadora, elas estão inseridas na comunidade e na escola e assim puderam passar dados importantes para a construção da pesquisa. Ou seja, Silva (2018) focou a sua pesquisa no desenvolvimento da escola camponesa e não nas crianças, compreendendo a infância como institucionalizada. Assim como Spada (2016) que pesquisa as políticas públicas implementadas na educação infantil do campo, não buscando a compreensão da infância a partir das crianças como sujeitos de pesquisa. Lima (2015) também compreende a infância de maneira institucionalizada, pois a todo momento a pesquisa é focada para a educação integral nas escolas do campo e o Programa Mais Educação (PME). Apesar das crianças estarem diretamente envolvidas com o programa, em nenhum momento elas foram entrevistadas de maneira formal, para basear ou complementar a pesquisa.

Trindade (2015), por entrevistar jovens, traz a infância no campo por meio da memória dos jovens e adultos entrevistados a compreendendo como categoria geracional. Assim como Silva (2014) que faz um estudo sobre gerações de estudantes no meio rural, sendo possível identificar que a pesquisadora também compreende a infância como institucionalizada.

As crianças que vivem no contexto comunitário rural têm um forte domínio sobre o lugar que vivem e conhecem muito bem a geografia, o trabalho, a natureza, os costumes, as brincadeiras e as pessoas que moram ali. Na pesquisa de Leite (2018) isso é demonstrado a partir do diálogo que a pesquisadora estabelece com as crianças, esses diálogos são definidos por ela como “exercícios brincantes” e ocorreram entre

corporalidades. Recorre a uma análise micro e macro da comunidade do Sertão, para melhor compreensão das questões desenvolvidas ao longo da pesquisa.

Para compreender o que é ser sujeito-criança no campo, Leite (2018) além de observar as brincadeiras propostas, também faz passeios e participa de eventos a convite dos participantes da pesquisa. Sempre atrelando à corporalidade das crianças e sua relação com a natureza. Por meio das observações foi constatado que as crianças vivenciam, se apropriam e reinventam sua comunidade a partir das experiências corporais e suas brincadeiras. Durante uma parte da pesquisa, as crianças convidaram Leite (2018) para realizar um passeio. Apesar de não estar no planejamento da pesquisadora, ele foi uma vivência de extrema importância para a pesquisa, pois traz experiências das crianças ensinando Leite (2018) e a instigando a aprender sobre a vida no campo. O envolvimento que a pesquisadora apresenta faz com que o trabalho dela se diferencie dos demais, pois a relação vai além de pesquisadora e sujeito de pesquisa, por ela focar no diálogo e na escuta. A todo momento em campo ela está aprendendo algo novo com as crianças e os adultos, fazendo a diferença como pesquisadora e como indivíduo, ou seja, de forma documental e sentimental.

Trindade (2015) faz a análise da juventude no meio rural como categoria social-chave, pois esta ocupa cada vez mais espaço no cenário brasileiro e é pressionada pelas mudanças no campo e na cidade. Dessa maneira, ele perpassa pela infância com as histórias de vida que os entrevistados contam. Caracterizando, assim, como categoria geracional. Para isso ele parte do questionamento da constituição social do ser jovem do ponto de vista da família camponesa e do ponto de vista da auto-representação dos jovens.

Partindo desse pressuposto, ele busca entender a trajetória de vida desses e como as relações externas com família e escola afetam ou auxiliam nos projetos futuros. Para alguns entrevistados o desejo de sair do campo era um “sonho de criança”, para outros o sonho sempre foi conquistar seu espaço e uma vida feliz dentro da comunidade. A falta de incentivo a cultura e lazer dentro das comunidades é um grande impulsor para a evasão dos jovens do campo, além do desejo de mudança de vida. Durante as entrevistas Trindade (2015) pode constatar isso a partir dos relatos dos jovens. Essa trajetória é analisada juntamente com a escolar, buscando compreender como a escola influencia nos projetos dos jovens.

Nos trabalhos de Spada (2016), Silva (2014) e Silva (2018) analisam também as relações intergeracionais. O primeiro busca entender a interação e culturas das crianças



enquanto grupo social, analisa a fundo a discussão da Educação Infantil no campo e a pesquisadora recorre a parâmetros da macroestrutura social, para discutir a infância buscando analisar as discussões acerca da formulação de uma política pública de educação infantil para povos do Campo. Já o segundo compreende a análise das relações intergeracionais construídas no meio rural, considerando as diferenças do nível de escolaridade entre a população jovem e adulta. O terceiro, destaca que todos da comunidade pesquisada demonstram solidariedade ao realizar as tarefas do dia a dia, inclusive as crianças, contribuindo para o bem-estar de todos. Portanto, as crianças têm domínio de todas as atividades realizadas no campo e aprendem uma com as outras.

Em Silva (2014) a infância também aparece como categoria geracional e em forma de memória das vivências dos jovens e adultos, debatendo sempre sobre a educação que os adultos recebiam e as dificuldades que passavam para poder estudar, o que os motivou a evadir da escola. Além do que os motiva a voltar para ela por meio do EJA e como é a relação de expectativa entre pais e os filhos que estudaram. Já Lima (2015) faz uma análise macro do Programa Mais Educação (PME) nas escolas do Campo, compreendendo as crianças como alunas. E busca entender como as atividades do PME acontecem e afetam a vida dos sujeitos participantes delas.

Spada (2016) ressalta que a Educação do campo tem como base central de suas ações a luta por políticas de escolarização formal, pois há uma dívida histórica da sociedade com os camponeses, por terem seu direito à educação negado por muitos anos. Então, o acesso e a permanência na escola desde pequeno representa a possibilidade do aumento da escolarização, a fim de aumentar também o domínio técnico utilizado no mercado de trabalho. Dessa maneira, a escola contribui para o crescimento do projeto capitalista. Além disso, Spada (2016 apud CORSARO, 2011) afirma que as teorias sociológicas devem se desprender da ideia de que as crianças apenas reproduzem o mundo social dos adultos, pois a socialização representa a apropriação, reprodução e reinvenção das culturas. Os outros pesquisadores (SILVA, 2018; SILVA, 2014; TRINDADE, 2015; LIMA, 2015; LEITE, 2018) também falam de escolarização em concordância com Spada (2016), pois também ressaltam as dificuldades e as lutas dos camponeses, pois sempre foram excluídos do processo de escolarização.

Os autores que trazem a família ou seu conceito em suas pesquisas são Spada (2016) para ressaltar que as crianças não estão relacionadas a suas famílias. Já Lima (2015) traz a família como sujeito de estudo e resalta a importância do seu envolvimento para o ensino dos jovens, principalmente no que tange ao Programa Mais Educação

(PME), pois com o ensino integral oferecido por ele as crianças e jovens poderiam ajudar menos nos serviços de casa. Trindade (2015) e Silva (2018) pontuam como as grandes produções capitalistas atrapalham o desenvolvimento da agricultura familiar, além de ressaltar que a força de trabalho familiar é o elemento mais importante no campo.

Em Silva (2014) o estudo da família é um diferencial, pois a autora traz relatos de como a família pode influenciar nas decisões dos jovens para a permanência no campo ou não. Além de ressaltar o reconhecimento das novas formas com que as famílias reconstróem as relações com seus filhos, trazendo relatos distintos de famílias que querem que os filhos saiam do campo em busca de uma vida melhor e de famílias que preferem que os filhos deem continuidade ao trabalho familiar. Silva (2014 apud LECCARDI, 2010) afirma que as mudanças como a ampliação da escolaridade, transformações dos modelos de gênero e família, além da crise no mercado de trabalho, influenciam no redimensionamento das relações intergeracionais. Leite (2018 apud FERNANDES, 2006) ressalta que a singularidade do povo camponês se dá pelo trabalho familiar.

O ponto de vista das crianças é levado em consideração principalmente em Leite (2018) e em Silva (2018), porém o primeiro trabalho se destaca por ter as crianças como foco principal na pesquisa. A todo momento elas são colocadas como atores sociais e produtores de cultura. Dessa maneira, Leite (2018) faz um trabalho mais focado na perspectiva das crianças em relação ao espaço que vivem e estudam.

Os paradigmas da infância buscam reconceitualizar as crianças e a infância, a fim de tornar a voz das crianças visível dentro do campo científico. A criação dos paradigmas parte da crítica a forma como a psicologia do desenvolvimento e das teorias clássicas da socialização que têm a ideia da criança como ser incompetente, passiva e incompleta. A partir dessa nova concepção de infância James e Prout (1997), tratam a importância de fazer estudos sociais com as crianças e sobre as suas vivências.

O primeiro paradigma de James e Prout (1990) diz que: “a infância é uma construção social” e foi identificado nos trabalhos de Leite (2018) e Silva (2018). O segundo diz que “a infância é uma variável e não pode ser separada de outras variáveis como classe social, o sexo ou o pertencimento étnico” e pode ser identificado em todos os trabalhos analisados como o de Spada (2016), Trindade (2015), Leite (2018), Silva (2014), Lima (2015) e Silva (2018), mesmo que nem todos tenham observado crianças diretamente, em Spada (2016), Trindade (2015) e Silva (2014) elas aparecem por estarem intimamente ligadas a comunidade e as escolas.

O terceiro paradigma diz que “as relações sociais das crianças e suas culturas devem ser estudadas em si” e esse é encontrado em Leite (2018) e Silva (2018) no qual em ambos são analisadas as vivências das crianças dentro da escola e da comunidade. O quarto afirma que “as crianças são e devem ser estudadas como atores sociais na construção de sua vida social e da vida daqueles que as rodeiam” e pode ser identificado no trabalho de Spada (2016), Leite (2018) e Silva (2018). Sendo que Spada (2016) traz reivindicações de crianças em busca de seus direitos básicos e Silva (2018) traz as melhorias que as crianças pedem pela escola que estudam, por meio de relatos e desenhos.

Já o quinto paradigma diz que “os métodos etnográficos são particularmente úteis para o estudo da infância”, Trindade (2015) e Silva (2014) apresentam estudos etnográficos para a busca do entendimento da realidade dos jovens. Apesar de Leite (2018) não caracterizar a sua pesquisa como etnográfica ela apresenta algumas características da mesma, pois faz uma análise micro e macro de todo o contexto da comunidade, principalmente a relação das crianças com a escola. O aporte teórico utilizado nas pesquisas analisadas deve ser visto para compreender as relações que os autores fazem com a Sociologia da Infância e como enxergam a conceituação do ser criança e o ser criança camponesa. A partir disso, foi feita uma análise dos autores mais citados e o envolvimento que eles têm com a Sociologia da Infância.

Os autores mais citados foram Caldart e Arroyo (SPADA, 2016; LIMA, 2015; SILVA, 2018; LEITE, 2018; TRINDADE, 2015). Ambos são citados por Spada (2016) para ressaltar o silenciamento dos povos do campo, incluindo nas pesquisas sociais e educacionais. Leite (2018) e Spada (2016) afirmam, a partir de Caldart, que a Educação no campo deve ser pensada a partir da tríade campo- educação- política pública. Além disso, ressaltaram também o Movimento da Educação no Campo, que representa uma luta dos camponeses e é parte de uma totalidade histórica, pontuando os direitos negados e suas superações durante a batalha pela educação. Leite (2018) também traz Caldart como referência ao falar que as crianças pesquisadas demonstram uma ligação da escola com a vida, sendo este um fundamento da Educação no Campo. Em Lima (2015) Caldart é citado ao explicar os princípios da Educação no Campo.

A partir disso, Lima (2015) perguntou aos sujeitos das pesquisas se as categorias terra, cultura e trabalho estavam sendo internalizadas nas atividades desenvolvidas na escola a partir do PME (Programa Mais Escola), para compreender se o funcionamento do programa estava de acordo com os princípios da Educação no Campo. Assim como

Spada (2016), Lima (2015) também cita Caldart para ressaltar as injustiças sofridas pelos camponeses. Em Lima (2015) Arroyo é citado, pois as diretrizes do PME (Programa Mais Educação) foram consolidadas a partir das contribuições dele, reconhecendo a luta pela terra, a cultura e o trabalho como matrizes formadoras, sendo de extrema importância colocá-los como central nos princípios educativos.

Silva (2018) cita Caldart ao falar das escolas do Movimento Sem Terra, pois uma moradora da comunidade compreende que a existência da escola por si só já é a garantia dos direitos, sem levar em consideração a precariedade do espaço. Essa fala concorda com Caldart, pois o mesmo afirma que “uma escola do MST (Movimento Sem Terra) é também uma escola do campo” (SILVA, 2018 p. 175 apud CALDART, 2004) confirmando que a escola é do Movimento. Também é ressaltado por Silva (2018) a importância da permanência na luta dos camponeses, afirmando também que essa luta é uma das estratégias pedagógicas mais cruciais produzida pelo Movimento. Arroyo é mencionado por Silva (2018) ao falar da desterritorialização, em decorrência da expansão agrícola, que exerce processo deformador e as lutas por terra passam a ser a matriz formadora. Com isso, a cada desterritorialização há também a territorialização dos camponeses em outras áreas.

Trindade (2015) cita Caldart ao evidenciar que a negação do direito à escola é um exemplo do projeto que impõe aos camponeses os tipos de escola que estão ou não no campo, sendo um dos componentes de dominação e degradação das condições de vida dos camponeses. Também traz o autor do campo ao falar que na escola capitalista os conteúdos dados pelas escolas são soltos, não têm uma relação entre si e pouco se relacionam com o cotidiano dos estudantes. Além de destacar a importância que a escola tem para os alunos criarem raízes naqueles espaços.

Leite (2018) afirma, por meio de Arroyo, que a presença física da escola é essencial para que o direito à educação seja concreto, pois fortalece a luta pela territorialização e representa a luta pelo pertencimento. Além de pontuar que as escolas devem focar seus interesses e características no modo de vida e de trabalho dos camponeses, tendo caráter libertador.

O autor mais citado por Silva (2014) é Scott que foi utilizado para compreender as relações de gênero entre os camponeses, pois a identificação de espaços de agência femininos possibilita a compreensão das práticas femininas no meio rural “contribui para uma abordagem de gênero como relações de poder em constante negociação entre mulheres e homens em domínios de poder diversos” (SILVA, 2014 p. 35 apud SCOTT,

2010, p.26). Além disso, o autor do campo é utilizado como referência para explicar os significados do êxodo. Afirmado que muitos êxodos são revestidos de nuances que informam as oportunidades e pressões aos quais as famílias camponesas sofrem, então acabam buscando oportunidades em outros locais.

Diante do exposto o que aproxima os trabalhos é a busca pela compreensão da Educação no Campo, mesmo que os trabalhos acabam se diferenciando por ser uma pesquisa com crianças diretamente, como Leite (2018), e outros tratam a criança apenas como complemento para a pesquisa, como Silva (2018). O fato de estarem retratando as dificuldades na educação camponesa aproxima todos os trabalhos. Isso ocorre, pois em todo momento nos textos é ressaltado a importância da luta e da permanência dos camponeses.

Silva (2014) e Trindade (2015) se aproximam ao tratar das relações intergeracionais entre os adultos e jovens camponeses. Além de se aproximarem por não fazer nenhuma pesquisa com crianças, mas sim com jovens/adultos. Já Lima (2015) e Spada (2016) se aproximam por tratar a infância de maneira institucionalizada, sendo que o segundo mesmo falando sobre Educação Infantil em nenhum momento traz as crianças como sujeito, em contraponto em alguns trechos a autora demonstra compreender as crianças como atores sociais, se aproximando do trabalho de Leite (2018). O primeiro por fazer a análise do PME (Programa Mais Educação) também enxerga a infância como institucionalizada e se diferencia do trabalho de Leite (2018) por não colocar as crianças como tema central da pesquisa.

Quando trata-se de ética na pesquisa com crianças, pode-se afirmar que todas as pesquisas foram éticas, pois houveram convites para todas as atividades realizadas. Porém, Spada (2016) pesquisa a Educação Infantil camponesa, mas não conversa com nenhuma criança que esteja inserida nesse contexto. Dessa maneira, não é possível afirmar que não houve ética na escuta, pois não houve escuta, afastando a pesquisa da Sociologia da Infância.

Leite (2018) é a autora que mais se aproxima da Sociologia da Infância, pois ao pesquisar as crianças faz uma análise das suas vivências a partir das relações da produção de culturas. A análise feita pela autora é por meio da inserção completa nas vivências do dia a dia das crianças, compreendendo as crianças como principais entendedoras da sua realidade e como portadoras de cultura. Essa visão é muito importante para a pesquisa com crianças, pois a autora respeita as suas opiniões e aprende com suas culturas. Os outros autores fazem uma importante pesquisa ao buscarem compreender e expor as

dificuldades presentes na educação camponesa, porém não fazem uma escuta significativa com as crianças. Em Trindade (2015) é compreensível, pois o autor faz a pesquisa com jovens e adultos, mas não deixa de falar sobre infância, pois resgata a mesma com a memória dos entrevistados.

O estudo da Sociologia da Infância é indispensável quando o objeto de estudo são crianças, principalmente aquelas que acabam vivendo à margem da sociedade por falta de políticas públicas que as contemplem. Esse estudo engloba tudo o que é um diferencial para a criança, como gênero, raça e classe social. Ao pesquisar crianças os pesquisadores precisam estar atentos a todas as variáveis que afetam aquelas crianças de alguma maneira, respeitando-as e escutando-as de forma ética.

### **Considerações finais**

Dado o exposto, a pesquisa tinha como objetivo identificar as produções da pós-graduação da faculdade de educação da UnB que olharam para as crianças camponesas em seus trabalhos a partir da perspectiva da Sociologia da Infância. Em virtude dos fatos comentados é possível afirmar que todas as produções analisadas se aproximam, ainda que de forma tímida, do campo da Sociologia da Infância. Essa aproximação ocorre de maneiras diversas, pois nem todas as produções analisam a infância e a criança diretamente. As produções que buscam compreender a infância de crianças camponesas partem de uma variável muito relevante que é a invisibilidade que os camponeses sofrem. Spada (2016) busca compreender a infância e sua condição na sociedade brasileira, e, assim concluiu que embora haja uma defesa da proteção às crianças e da igualdade de direitos, isso não ocorre na realidade. E, também faz uma crítica a forma que as crianças camponesas são tratadas como mão de obra a ser formada, visando fortalecer o sistema capitalista. Assim, recebe uma educação que lhes retira a identidade.

A educação camponesa foi negligenciada por muito tempo, mesmo quando a população rural era maior que a população urbana. Isso acontecia, pois entendia-se que a população rural não precisava de formação acadêmica, pois trabalhavam com lavoura. Sobre as crianças maiores, Lima (2015) também enxerga a infância de maneira institucionalizada, como já foi citado anteriormente. Assim, é concluído pela autora que o Programa Mais Educação (PME) é de extrema relevância para contribuir na transformação da escola em uma escola do campo. Assim, após a análise foi possível

afirmar que a pesquisa contribuiu para a reflexão e problematização da educação integral no campo. Já Silva (2018) contribui para o campo da Sociologia da Infância de forma significativa ao fazer uma análise do avanço do agronegócio e como as crianças camponesas e suas famílias são afetadas com isso. Sendo possível identificar uma aproximação com Spada (2016), porém Silva (2018) traz crianças como participantes da pesquisa, sendo um diferencial naqueles autores que enxergam a infância como institucionalizada.

Leite (2018), se destaca em relação aos outros trabalhos analisados por realizar a pesquisa com crianças e se relacionar com elas de maneira significativa e emocionante. A autora apresenta uma escuta sensível e sempre afirma que compreende as crianças como sujeitos sociais, que atribuem sentidos, significados e se apropriaram da escola que estudavam para encontrar com seus pares e adultos. Dessa maneira, conseguiu identificar como é ser sujeito-criança no campo. É possível afirmar que a relação estabelecida com as crianças pesquisadas segue as principais metodologias da Sociologia da Infância de como pesquisar crianças. Leite (2018) conseguiu criar confiança com as crianças e sempre esteve disposta a ouvir e aprender com as crianças, tendo ética na escuta e seguindo os princípios de Müller (2014) para pesquisar crianças. Sarmiento (2005) afirma que a infância é uma categoria social do tipo geracional, entretanto ao longo do desenvolvimento da sociologia o conceito de geração acabou mudando. O entendimento de geração é de um grupo de pessoas que nasceram na mesma época, tendo, assim, uma forte identidade histórica. Também é exposto que a geração é uma variável independente e trans-histórica que é relacionada principalmente com os aspectos demográficos e econômicos da sociedade. A partir disso, Trindade (2015) compreende a infância como categoria geracional, identificando as relações de trabalho, de estudo e os processos de exclusão sofridos pelos jovens camponeses. Dessa maneira, traz o olhar dos jovens em relação às suas vivências. Silva (2014) observa a relação entre jovens e adultos camponeses, a partir disso a autora faz um estudo das relações intergeracionais, considerando as mudanças relacionadas à elevação da escolaridade. Nestes trabalhos há aproximação com o campo da Sociologia da Infância ao estudar a família e sua constituição histórica.

Diante disso, é importante ressaltar que pesquisas com crianças são de suma importância para a formação social e ainda é muito negligenciada. Isso pode ser comprovado a partir dessa pesquisa que traz produções que tratam de questões que afetam as crianças diretamente, como Lima (2015), mas em nenhum momento ouve as crianças.

Crianças são sujeitos sociais que têm opiniões e descontentamentos que devem ser ouvidos, principalmente quando é relacionado a assuntos que os interferem diretamente. Sendo assim, destaca-se que a necessidade de ampliar estudos desde a perspectiva desse campo científico, de forma a contribuir com a formação de profissionais que trabalham com a infância, e que podem ter acesso a outras leituras em relação ao conceito de criança e infância, de maneira que possa impactar na vida social e nas relações geracionais estabelecidas nos diversos contextos.

## REFERÊNCIAS

- ABRAMOWICZ, Anete; RODRIGUES, Tatiane Consentino. Descolonizando as pesquisas com crianças e três obstáculos. *Educação & Sociedade*, v. 35, n. 127, p. 461-474, 2014.
- FERNANDES, Florestan. As "Trocinhas" do bom retiro: contribuição ao estudo folclórico e sociológico da cultura e dos grupos infantis. *Pro-posições*, Campinas, v. 15, n. 143, p. 229-250, jan./abr. 2004.
- LEITE, Jaciara Oliveira. **Ser criança camponesa no Cerrado**. 2018. 230 f., il. Tese (Doutorado em Educação)—Universidade de Brasília, Brasília, 2018.
- LIMA, Samira Bandeira de Miranda. **Programa mais educação nas escolas do campo: oportunidade de aprofundamento dos princípios da educação do campo? O caso do Colégio Estadual Vale da Esperança, Formosa/GO**. 2015. 188 f., il. Dissertação (Mestrado em Educação)—Universidade de Brasília, Brasília, 2015.
- MÜLLER, Fernanda. **Infância em perspectiva**. Políticas, pesquisas & instituições, (org.), --1. ed, -- São Paulo: Cortez, 2014.
- QVORTRUP, Jens. (2011). Nove teses sobre a infância como um fenômeno social. **Pro-posições**, Campinas, 22(01).
- SARMENTO, Manoel Jacinto.; Pinto, Manuel. (1997). **As crianças e a infância: definindo conceitos, delimitando o campo**. Em Manoel Jacinto Sarmento., & Manuel Pinto. *As crianças, contextos e identidades*. Braga: CEDIC, UMINHO.
- SARMENTO, Manuel Jacinto. Gerações e Alteridade: interrogações a partir da Sociologia da Infância. 2005. **Educ. Soc., Campinas**, vol. 26, n. 91, p. 361-378, Maio/Ago. 2005



SILVA, Catarina Malheiros da. **Encontro de tempos na escola: um estudo sobre gerações de estudantes no meio rural baiano**. 2014. 244 f., il. Tese (Doutorado em Educação)—Universidade de Brasília, Brasília, 2014.

SILVA, Queina Lima da. **Educação do Campo e luta pela terra no contexto MATOPIBA: um estudo de caso sobre o Acampamento Zequinha Barreto, no oeste baiano**. 2018. 193 f., il. Dissertação (Mestrado em Educação)—Universidade de Brasília, Brasília, 2018.

SIROTA, Régine. Emergências de uma Sociologia da Infância: evolução do objeto e do olhar. **Cadernos de Pesquisa, São Paulo**, n. 112, p. 7-31, mar. 2001. Disponível em: <[www.scielo.br/pdf/cp/n112/16099.pdf](http://www.scielo.br/pdf/cp/n112/16099.pdf)>. Acesso em: jul. 2022

SARMENTO, Manoel Jacinto.; Pinto, Manuel. (1997). As crianças e a infância: definindo conceitos, delimitando o campo. **Em Manoel Jacinto Sarmento., & Manuel Pinto. As crianças, contextos e identidades**. Braga: CEDIC, UMINHO.

SPADA, Ana Corina Machado. **Tensões e contradições do processo de construção das diretrizes para a política pública de educação infantil do campo**. 2016. 321 f., il. Tese (Doutorado em Educação)—Universidade de Brasília, Brasília, 2016.

TRINDADE, Domingos Rodrigues da. **Constituição social do ser jovem camponês no contexto de assentamentos da Reforma Agrária na microrregião Guanambi, Bahia**. 2015. 356 f., il. Tese (Doutorado em Educação)—Universidade de Brasília, Brasília, 2015.